

O QUE É SER CRISTÃO NO HAITI? UMA LEITURA DO SERMÃO DA MONTANHA – Os Bem-aventurados (Mateus 5:1-10)

Dieumettre JEAN¹

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Veras

Resumo: Partindo da hipótese de que a leitura desempenha papel importante tanto na capacidade de elaborar sentidos (procedimento que requer a complexidade da nossa forma de vida) quanto no desenvolvimento intelectual, este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise crítico-interpretativa do comportamento do cristão haitiano em relação à interpretação de certos acontecimentos. Com base no sermão de Jesus Cristo sobre a montanha, descrito em Mateus 5:1-10 do *Novo testamento* “os bem-aventurados”, apresentamos e discutimos algumas características do haitiano em geral, e do cristão haitiano em particular. Este trabalho adotou como base teórica os trabalhos de Price-Mars (1928), Micial (1994), Nascimento (2005), Eco (2005) e Coreth (1979).
Palavras-chave: interpretação, leitura, cristão no Haiti, Sermão da Montanha.

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

O principal interesse em fazer este trabalho surgiu logo depois do terremoto² que assolou a região oeste do Haiti em 12 de janeiro 2010, reduzindo a escombros enormes infraestruturas do país. Durante essa catástrofe sem precedência na história do país, nossa emoção explodia no grito: *assez, assez... assez mon Dieu!* [chega, chega... chega meu Deus!], que estava na boca de muitos, para não dizer de todos os haitianos. Esse grito, repetido, retomado e relançado por muitos haitianos cristãos ou não cristãos exprime, indo além da simples interjeição, a relação dessa catástrofe à maldição divina – muitos apontaram que foi a falta de devoção e os pecados cometidos pelos haitianos, que haviam levado Deus a castigar o país com essa catástrofe devastadora. A surpresa foi maior ainda

1 Bolsista da CAPES/PRÓ-HAITI, Dieumettre Jean é licenciado em Letras – Português pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

2 Em 12 de janeiro 2010, um terremoto de magnitude 7.3 abalou o Haiti, deixando o país numa situação caótica. Na verdade, não se sabe o número exato de mortos nessa catástrofe. Mas, tanto o governo quanto as instituições internacionais vigentes no Haiti trabalham com o número de 316 mil mortos, 350 mil feridos e mais de 1,5 milhão de flagelados (SEGUY, 2014).

quando o então governo – embora o país seja laico – decretou três dias de jejuns nacionais para oferecer o país a Deus. Tal decisão, a nosso ver, traduz ignorância e impotência, na medida em que pode ser interpretada como se o então governo tivesse dito: nós, haitianos, somos impotentes; somos ignorantes; vamos rezar ao bom Deus, vamos fazer jejuns para que possamos ficar inunes às maldições divinas.

Tendo esse quadro em mente, qualquer observador avisado pode se perguntar: o haitiano, que povo é esse? Além disso, pode surgir outro questionamento, a saber, o que quer dizer mesmo ser cristão num país como o Haiti? São essas duas interrogações que servem de trilha para este trabalho. Com base no sermão de Jesus Cristo sobre a montanha, descrito no *Novo Testamento* em Mateus (5:1-10), apresentamos algumas reflexões sobre o comportamento do haitiano em geral, e do cristão haitiano, em particular. Em seguida, através de uma análise crítico-interpretativa desse sermão, expomos como muitos cristãos haitianos, e mesmo os não-cristãos, têm sua leitura dirigida pelo líder político-religioso.

A LEITURA COMO CONSTRUÇÃO DE SUJEITO AUTÔNOMO

O sermão de Jesus Cristo sobre a montanha (Mat.5:1-10) expõe, em resumo, a natureza ou as características do povo do reino dos céus. Nesse sermão, o povo do reino dos céus é concebido como um povo especial: trata-se de um povo que é pobre em espírito, um povo que chora e sofre com a presente situação, que é manso ao sofrer, que tem fome e sede de justiça, que é misericordioso, que é pacífico, que é puro de coração. No entanto, como recompensa, ele ganhará o paraíso celeste na vida do além. Aproveitando-se dessa descrição do povo do reino dos céus, líderes políticos, religiosos, evangelizadores não param de utilizar esse discurso para levar as pessoas que não têm um domínio da palavra escrita a aceitarem a miséria na terra em troca do paraíso, em outra vida, no reino de Deus. Nessa linha, basta apontar um fato exemplificador, a saber, a recomendação do ministro belga Jules Renquin aos padres e pastores que iam evangelizar no Congo-Belga em 1920. Através desse sermão de Jesus Cristo sobre a montanha, o então ministro belga da colônia³ recomendou aos evangelizadores ensinar os negros a acreditarem na verdade do sermão e não a refletirem. Isso é central para pensarmos a influências das pregações sobre os fiéis; ou seja, a influência da interpretação do predicador sobre seus fiéis. A passagem a seguir apresenta as grandes linhas da sua injunção aos evangelizadores:

3 Extraído de uma conversa do Ministre des Colonies, M. Jules RENQUIN em 1920 com os primeiros missionários católicos do CONGO-BELGA. Disponível em <http://mapage.noos.fr/dsiroy/missionnaire.htm>, e em <http://www.youtube.com/watch?v=ThQPCK7XRak&feature=share>. Acesso 20/06/2015.

[...] Tendo a coragem de admiti-lo, vós não vindes ensinar-lhes o que eles já sabem [...]. Vosso papel consiste, essencialmente, em facilitar a tarefa dos administradores e industriais. Isto é, vós interpretareis o evangelho da maneira que serve melhor a nossos interesses [...]. Vosso conhecimento do evangelho vos permitirá achar facilmente textos que recomendam a miséria e fazem amar a pobreza. Por exemplo: “bem-aventurados são os pobres, pois o reino dos céus é deles”, e “será mais fácil um camelo de passar pelo buraco de uma agulha do que um rico de entrar no céu”. Insistir especialmente na submissão e obediência cega Instituem para eles um sistema confessional que fará de vós bons detetives para denunciar qualquer negro que tenha uma consciência e que reivindicaria a independência nacional⁴.

É possível observar de que formas o ministro se baseia no sermão de Jesus Cristo descrito em Mateus 5:1-10 para definir a tarefa dos evangelizadores. Também é possível perceber nessa passagem como se torna legítimo, através da religião, construir subjetividades, interferindo diretamente na formação do imaginário do fiel via práticas de leitura e de interpretação. Vimos que o ministro insistia na principal tarefa desses evangelizadores: de um lado, produzir nos congolese o desinteresse pelas riquezas, pelos bens materiais; e, de outro lado, ensiná-los a acreditar e não a refletir. Dessa forma, enquanto a leitura como ensinamento pode ser vista como algo que liberta o homem da exploração pelo homem (pois a nosso ver, ela desempenha papel fundamental na construção de sujeito autônomo), é observável, na maioria das vezes, que a religião serve para mantê-lo na submissão, na ignorância.

Nessa ordem de pensamento, é perceptível que o ministro recomendava que os evangelizadores omitissem voluntariamente passagens no texto bíblico para adaptá-lo a seus interesses. Por exemplo, o seguinte enunciado do sermão: “bem-aventurados os pobres em espírito, porque é deles o reino dos céus” era interpretado como: “bem-aventurados os pobres, porque é deles o reino dos céus”. A omissão da palavra “espírito” simplifica o sentido do enunciado, pois um pobre em espírito não é necessariamente um miserável, uma pessoa que não possui bens materiais. Também, há uma recontextualização na leitura do texto bíblico, o que faz com que muitos cristãos acreditem que para compreender a narrativa bíblica precisa de uma ajuda, de uma intervenção divina. Ou seja, a narrativa bíblica é, para o cristão e para muitos evangelizadores, a manifestação do santo espírito,

4 [...] Ayant le courage de l'avouer, vous ne venez donc pas leur apprendre ce qu'ils savent déjà. Votre rôle consiste, essentiellement, à faciliter la tâche aux administratifs et aux industriels. C'est donc dire que vous interpréterez l'évangile de la façon qui servir le mieux nos intérêts [...] Votre connaissance de l'évangile vous permettra de trouver facilement des textes qui recommandent la misère et font aimer la pauvreté. Exemple: « Heureux sont les pauvres car le royaume des cieus est à eux » et « il est plus facile à un chameau d'entrer par le trou d'une aiguille qu'un riche d'entrer au ciel ». Insister particulièrement sur la soumission et l'obéissance aveugles. Instituez pour eux un système de confession qui fera de vous de bons détectives pour dénoncer tout noir ayant une prise de conscience et qui revendiquerait l'indépendance nationale. Disponível em: <http://mapage.noos.fr/dsiroy/missionnaire.htm>. consultado 30/07/15.

e sem a inspiração divina ele não vai conseguir interpretar ou compreender a mensagem bíblica.

Então, a maneira como o ministro ordenava que os padres e os pastores interpretassem a Bíblia nos leva a relacionar o que eles faziam ao que Umberto Eco (2001) chamou de “uso de texto”, diferenciando o uso da interpretação: o uso se dá quando usamos o texto da forma a mais livre possível, ampliando o universo possível. No entanto, o autor reconhece que não existe uma prova irrefutável da possibilidade de ler um livro de determinada maneira, e que também não existe nenhum tribunal para afirmar que uma leitura é melhor do que outra (ECO, p.167). Nessa linha, torna-se difícil dizer que tal interpretação é ruim, tal é boa. Sendo assim, podemos salientar que, no pensamento do autor, uso e interpretação são duas formas de aproximar-se de um texto. O que importa para Eco é saber distingui-los, ou estar ciente do que se está fazendo, pois enquanto o uso de texto é ilimitado, a interpretação é limitada pela própria coerência do texto. Voltando à recomendação do ministro aos padres e aos pastores, é possível observar que ele os convidou apenas a usarem o texto bíblico, priorizando interesses mesquinhos sobre a literalidade e o contexto do sermão.

Considerando a recomendação do ministro aos evangelizadores, em vez de utilizar a leitura como ferramenta que permite compreender sua realidade, o que se dá a perceber é que esses líderes político-religiosos visam apenas instruir sujeitos passivos através da sua leitura do texto bíblico.

Nessa altura, o que podemos dizer a respeito de sentidos, de produção de sentidos? Primeiro devemos ressaltar que, ao contrário dos líderes religiosos para quem o sentido é indissociável da fé, a questão do sentido está extremamente ligada à questão da compreensão. Na perspectiva de Coreth (1973), compreender é, antes de qualquer coisa, apreender sentidos (p.54). Partindo dessa perspectiva, o autor diferencia a compreensão da linguagem na fala ou no diálogo e a compreensão de palavra escrita num texto. Com efeito, quanto maior a razão para que se compreenda o texto pelo contexto, tanto mais se precisa perguntar sobre o fundo espiritual e cultural, sobre o modo de pensar do autor, se é que se deseja compreender a palavra (CORETH, 1973, p.58). Nessa perspectiva, além de ser uma atividade que requer idas e vindas, o ato de ler ou a compreensão da linguagem num texto requer alguma autonomia.

Além disso, na perspectiva do autor, o ato compreender pode ser configurado como uma apreensão mais alta do sentido, que ultrapassa qualquer explicação causal. Nessa linha de pensamento, o ato de compreender, do qual resulta uma apreensão de sentidos, passa a ser um procedimento complexo, que exige a intervenção da razão. Quer dizer que a razão tem que interferir em qualquer ato de compreensão ou de leitura-interpretativa. Para o cristão, porém, falar de compreensão de um texto bíblico põe em jogo um fator

eminente: a fé ou intervenção divina. De acordo com Nietzsche (2005, p.78), o cristão, o que há dois mil anos é chamado de cristão, é tão-somente uma auto-incompreensão psicológica. A fé que move o cristão é apenas o instinto, para utilizar o próprio termo de Nietzsche. Para ele, “a fé em todas as épocas foi apenas uma capa, um pretexto, por trás os instintos realizavam o seu jogo – uma sagaz cegueira perante a dominação de certos instintos” (p. 78). Em outras palavras, a fé é a genuína sagacidade cristã. Por esse motivo, o cristão acredita cegamente na leitura-interpretativa do evangelizador, do pastor ou do padre. Nessa linha, cabe-nos chegar à conclusão de que, para um cristão, a fé é mais eminente na leitura de um texto bíblico do que a razão, o discernimento. Para analisar essa questão de uma maneira mais prática, vale a pena apontar para o conhecimento de alguns comportamentos do cristão haitiano para entender como a fé prevalece sobre a razão e o discernimento na leitura de um texto bíblico.

Antes de continuarmos, é importante ressaltar que, em nosso modo de ver, esse sermão de Jesus Cristo sobre a montanha pode ser interpretado com um discurso que: i) anuncia a verdadeira felicidade; ii) proclama uma liberdade condicionada; iii) faz apologia da miséria, da ingenuidade, do conformismo, da alienação; iv) defende uma contracultura ou um apelo ao desinteresse pelos bens materiais. No entanto, o cristão haitiano vê nele apenas uma recomendação para entrar no reino dos céus.

Dessa forma, é necessário deixar claro que esse sermão tem uma enorme influência sobre os cristãos haitianos, uma vez que eles são ingênuos, acreditam com toda certeza numa vida transcendental, negando a realidade sociopolítica que estão vivendo. Para eles, ser pobre, sofrer nesse mundo, é estar mais perto do reino dos céus: “envelope-me, amarre-me e enterre-me na velha longa. Se for para morrer sem Jesus preferia dormir no ninho em palha”⁵, canta o cristão haitiano. O sofrimento de Jesus Cristo sobre a cruz é um grande conforto para eles. Nesse sentido, o enunciado do *Sermão de Jesus Cristo*: “bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus” é para eles um conforto, uma segurança. Na perspectiva de muitos deles, é melhor ser pobre nesta terra, porque na vida além-do-túmulo viverão na abundância. Como consequência, de acordo com Micial (1995), vivendo em privação socioeconômica, o cristão haitiano busca apenas um refúgio espiritual e sobrenatural. A resignação parece ser recomendada para expiar seus pecados e para preparar a vida eterna.

Diferentemente do que propõe Nascimento (2008, p.124), para quem o ato de ler passa a ser uma ação, uma práxis dentro de determinadas circunstâncias que engendram

⁵ É um trecho de uma canção evangélica muito popular no Haiti. Parafraseando nessa canção, o conhecido artista haitiano, TiGa, compõe uma música em que critica a passividade do cristão diante da evangelização. Ver mais sobre essa música em: <https://www.youtube.com/watch?v=xx6Kjz6pRCg>. Acesso: em 27/01/2016

sentidos jamais controláveis de maneira absoluta, o ato de ler para um cristão é um ato que engendra sentidos controlados, um ato de crença, de repetição. Isto é, no geral, o cristão haitiano tem suas leituras dirigidas pelo evangelizador, que fornece uma interpretação única. Em outras palavras, eles não leem de fato, apenas repetem a leitura. Para o cristão, precisamos apenas de fé, inspiração divina, para compreender, apreender o sentido e fazer uma boa leitura-interpretativa dos textos bíblicos.

Com bases em nossas observações, com rara exceção, podemos qualificar o comportamento do cristão haitiano de ingênuo. Nessa perspectiva, o estudo de Micial (2008) serve-nos de base fundamental. Basta apontar uma canção⁶ muito popular nas igrejas protestantes no Haiti, que Micial analisa minuciosamente para entender a dimensão da fé do cristão haitiano.

Aqui nesta terra eu me contento com uma casa em argila / e de muitos benefícios que / Jesus me trará / No céu onde cantam os anjos / Eu tenho um palácio / Desde a aceitação da saudação pela fé / Lá em cima / Eu tenho um palácio / Meu grande desejo é chegar ao céu / Um dia, vê-lo-ei / Quando Jesus virá / Eu o louvarei pela eternidade/. Apesar da tentação e do menosprezo / Apesar do momento de desordens e de confusão / Eu tenho a toda convicção de que / o céu será minha herança / Eu tenho um reino em cima.

Como diz Nascimento (2008), não há texto em si, pois em todo texto há a intertextualidade. Nessa canção que Micial analisa encontramos uma intertextualidade fiel ao sermão que estamos analisando, preconizando uma evasão ou um desinteresse pela vida desta terra, deixando perceber que viver (estar) na dificuldade socioeconômica é condição necessária para entrar no reino dos céus.

Analisando essa canção, Micial aponta – o que nós compartilhamos com ele – que para os cristãos haitianos a resignação deve se preparar para a saudação além-do-túmulo. Além disso, dá-se a entender que para esse cristão a situação social de subdesenvolvimento é atribuída a causas sobrenaturais. Miséria, doença, catástrofe são consequências do pecado. Diante dessa situação, eles [os cristãos] são aconselhados a se resignarem, a amarem a Deus. E, muitas vezes, os políticos aproveitaram desse comportamento fiel dos haitianos para estabelecer e manter a hegemonia, pois, a religião tem grande influência sobre o haitiano.

6 Ici-bas je me contente / D'une maisonnette en terre battue / Et des multiples bienfaits que / Jesus m'apportera / Au ciel là où chante les anges / J'ai un palais / Depuis l'acceptation du salut par la foi. Là-Haut dans le ciel / J'ai un palais / Mon grand désir est d'y parvenir / Un jour je le verrai / Quand Jesus viendra / Je le louerai pour l'éternité. Malgré la tentation et le mépris / Malgré le moment des troubles / et de désarroi / Je la ferme conviction que / le ciel sera mon partage / J'ai un palais Royal là-haut.

O HAITIANO, QUE POVO É ESSE?

Invadido – “descoberto” – em 1492 por Cristóvão Colombo, a ilha Haiti se tornou colônia da Espanha sob o nome de *Hispaniola*. Quando chegaram à ilha, encontraram uma população da raça *Awarack* (os Taínos) que vivia tranquilamente com uma cultura homogênea, e que logo foi conduzido à escravidão. Submetido aos trabalhos árduos seguidos de maus tratamentos, esse povo foi completamente exterminado em menos de quarenta anos. Sendo assim, tendo a necessidade de trabalhadores para substituir os índios, a Espanha passou a introduzir na ilha negros de várias regiões da África. (BELLEGARDES, 2012)

No entanto, os espanhóis não ficaram tranquilamente como possuidores da ilha por muito tempo, pois, no início do século XVII, aventureiros franceses e ingleses vieram estabelecer-se na ilha. E, logo, os franceses se livraram dos ingleses e atacaram os espanhóis sob os quais conquistaram a parte ocidental da ilha e a nomearam de Saint-Domingue (Santo Domingos). Mas, foi em 1697, através do tratado de Ryswick⁷, que a parte oeste da ilha passou a ser colônia francesa (BELLEGARDES, 2012). Por esse tratado a ilha foi oficialmente dividida em duas partes: a Espanha ficaria com a parte leste (atualmente República Dominicana), e a França com a parte oeste (atualmente República do Haiti).

Tornando-se colônia da França, subitamente, por sua prosperidade, a parte oeste da ilha passa a ser uma das maiorias colônias do mundo:

em 1789, a colônia francesa das Índias Ocidentais de São Domingos [atualmente República do Haiti] representava dois terços do comércio exterior da França e era a maior mercado individual para o tráfico negreiro europeu. Era parte integral da vida econômica da época, o orgulho da França e a inveja de todas as nações imperialistas. A sua estrutura era sustentada pelo trabalho de um meio milhão de escravos (JAMES, 2000, p.15).

Expostos aos maus tratamentos, às censuras de todas as naturezas, os escravizados se rebelaram e proclamaram a independência da parte oeste da ilha [o atual Haiti] em 1º de janeiro 1804. Dito isto, passemos à análise do comportamento do haitiano em geral, e do cristão em particular. Em primeiro lugar, observando o comportamento desse povo, o famoso etnógrafo haitiano Price-Mars⁸ (1928, p. 3), destacou o seguinte:

7 Em 1697, através da assinatura do tratado de Ryswick envolvendo Espanha e França, a parte ocidental da ilha (atualmente o Haiti) foi cedida à França, e a parte leste (atualmente República Dominicana) fica com a Espanha.

8 Jean Price Mars (1876-1969) foi médico, antropólogo, professor haitiano. Fundador do Instituto de Etnografia no Haiti em Porto Príncipe. Escreveu vários livros, dentre os quais *Ainsi Parla l’Oncle* [Assim falou o tio] é inesquecível.

O haitiano é um povo que canta e sofre, que tem lágrimas nos olhos e que ri, um povo que dança e ao mesmo tempo se resigna. “Do nascimento até a morte, a canção é associada a toda sua vida”. Ele canta o furor do combate, sob uma chuva de tiros de metralhadoras ou numa luta de baionetas. Ele canta a apoteose das vitórias e o horror das derrotas. Ele canta o esforço muscular e o repouso após a tarefa, o otimismo profundamente enraizado e a obscura intuição de que nem a injustiça e nem o sofrimento são eternos e que nada está perdido “porque Deus é bom”. (PRICE-MARS, 1928, p.31)

Compartilhamos com ele que o povo haitiano é um povo que gosta muito de cantar. Em qualquer situação ele canta. Em qualquer situação, ele diz *bon Dye bon* – Deus é bom. É esse comportamento de resignação que explica desde 2004 até hoje em dia a presença da *Minustah*¹⁰ no país; apesar de tantos danos. Dá-se, portanto, até aqui, observar que muitas vezes o *Sermão de Jesus Cristo sobre a Montanha* é intertextualizado na vivência do cristão, ou mesmo do não cristão. Pareceria um pouco contraditório dizer também que o povo haitiano é um povo corajoso que, para sobreviver, se mostra criativo, inventando algo para fazer, seja no comércio informal, seja na agricultura de subsistência. Sua resignação se manifesta mais no que tange ao cumprimento do seu dever de cidadania ou de interpretar com discernimento certos acontecimentos.

Entretanto, se hoje esse *Sermão de Jesus Cristo* tem uma enorme influência no modo de viver do povo haitiano, é necessário ressaltar que a circulação dos sentidos desse discurso não prevaleceu durante no tempo da Colônia. Primeiro, durante o período da colonização do Haiti, havia sempre evangelização, forçando os escravos a aceitar, a obedecer sem réplica. Mas isso não era tão fácil. O “*marronnage*¹¹” foi o primeiro ato de rebelião dos escravos no Haiti. Um ato fugitivo, ou, em outros termos, um ato de abandono da desumanização da escravidão. Então eles fugiam para a montanha e praticavam a religião deles, que havia sido proibida. Assim, eles iam organizar uma cerimônia na noite de dia 21 ao 22 de agosto de 1791, quando compartilharam a crença

9 L'Haïtien est un peuple qui chante et qui souffre, qui peine et qui rit, un peuple qui rit, qui danse et se résigne. « De la naissance à la mort, la chan-son est associée » à toute sa vie. Il chante la joie au coeur ou les larmes aux yeux. Il chante dans la fureur des combats, sous la grêle des mitrailles et dans la mêlée des baïonnettes. Il chante l'apothéose des victoires et l'horreur des défaites. Il chante l'effort musculaire et le repos après la tâche, l'optimisme indéclinable et l'obscur intuition que ni l'injustice, ni la souffrance ne sont éternelles et qu'au surplus rien n'est désespérant puisque “bon Dieu bon (PRICE-MARS, 1928, p.31)”.

10 O maior dano da Minustah, (Missão das Nações Unidas de Estabilização do Haiti) é a propagação do cólera. Disponível em: http://www.hpnhaiti.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=3992:haiti-cholera--une-etude-confirme-lorigine-nepalaise&catid=8:societe&Itemid=1, e: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article11438>. Consultado em 30/07/15.

11 Marronnage, derivado da palavra espanhola cimarron, animal doméstico que se torna selvagem, foi uma prática de escravos rebeldes que abandonaram as habitações de seus mestres, e se abrigaram na montanha para fugir da escravidão. Foi um ato de rebelião, um ato fugitivo, ou de abandono, pelo qual os escravos se rebelavam contra os colonizadores, e foi esse ato que engendrou a independência do país.

na liberdade. Nessa cerimônia, eles faziam uma oração. Aqui está a nossa tradução das três últimas frases dessa oração:

Escutem , o bom Deus criador do sol que nos ilumina, que controla a nuvem, que faz a oragem, está escundido nas nuvens. De là, ele nos assiste e vê tudo o que os brancos fazem.O Deus dos brancos recomenda o crime, o nosso solicita o bem. Mas o nosso Deus tão bom nos ordena a vingança. Ele vai conduzir nossos braços e ele vai dar-nos assistência. Quebrem a imagem do Deus do Branco que está com nossas lágrimas; ouçam dentre nós mesmos o apelo da liberdade¹².

Foi após essa cerimônia que os escravos se revoltaram e tomaram o controle de suas vidas. Essa volta na história nos permite ver, de um lado, que o povo haitiano é um povo que age com a fé. Talvez com a razão eles possam dizer que seria materialmente e estrategicamente impossível vencer o exército francês, um dos melhores naquela época. Entretanto, eles só acreditaram na oração que acabamos de citar. Acreditaram que o Deus deles iria conduzir os braços deles; aí atacaram e venceram o exército francês. E a última luta pela independência foi no dia 18 de novembro 1803.

Durante a escravidão no Haiti, vimos que a circulação de sentido desse sermão de obediência ou de submissão às situações presentes era diferente. Hoje em dia esse sermão tem grande influência sobre o povo do Haiti. No que tange à leitura dos textos bíblicos, não há leitura crítica, não há espírito crítico. Os cristãos têm que obedecer. Eis um aspecto que também explica o crescimento das igrejas no país, sobretudo protestantes, nesses últimos anos.

Partindo dessa leitura, observamos que a religião ou a fé cristã tem tendência a dar um sentido absoluto às coisas. Mas não é por isso que o texto bíblico pode ter uma interpretação unilateral ou homogênea, pois os bem-aventurados que foram expostos por Jesus Cristo nesse sermão não irão interpretar o sermão da mesma forma num país desenvolvido e num país subdesenvolvido. Dizemos, portanto, com Nascimento (2008, p.120), que o texto só deveria ter interesse como um operador de leitura, que deve ser visto dentro de um contexto político-pragmático de interpretação: eis o que podemos requerer dos político-religiosos no Haiti quando lerem a narrativa bíblica, se os seus interesses visariam construir sujeitos autônomos através da leitura.

12 Versão original: Le bon Dieu qui fait le soleil qui nous éclaire d'en haut, qui soulève la nier, qui fait gronder l'orage, entendez-vous, vous autres, le bon Dieu est caché, dans les nuage. Là, il voit tout ce que font les blancs. Le Dieu des blancs commande le crime, le nôtre sollicite des bienfaits. Mais ce Dieu qui est si bon (le nôtre) nous ordonne la vengeance. Il va conduire nos bras et nous donner l'assistance. Brisez l'image du dieu des blancs qui a soif de nos larmes ; écoutez en nous-mêmes l'appel de la liberté! (PRICE-MARS, 1928, p.54).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, viemos discutir e analisar ao longo da nossa exposição que o *Sermão de Jesus cristo sobre a Montanha*, descrito em *Mateus 5:1-10* no *Novo Testamento* é utilizado, em muitas ocasiões, por líderes político-religiosos para manter o povo, os fiéis que não têm domínio da linguagem escrita, na ignorância, na submissão. Porém, levando o contexto em conta, esse *Sermão* pode ser objeto de inúmeras leituras ou interpretações, umas diferentes das outras, e essas leituras ou interpretações podem ser inscritas em contexto econômico, filosófico, político diferentes. Farão sentido dependendo da situação, da condição intelectual e socioeconômica de quem o lê. Também viemos apresentar, ao longo deste trabalho, que em muitas situações esse sermão é lido e interpretado para reconfortar o grupo de despossuídos, um grupo que enfrenta dificuldades tanto econômicas como sociais. Com efeito, os político-religiosos aproveitam do *status quo* que lhe é conferido para evangelizar cristãos e não-cristãos, dar-lhes a esperança: como dizem estes dois adágios haitianos, *lespwa fê viv* [esperança faz viver], *pito nou lèd nou la* [melhor vivermos na miséria, existirmos].

A análise crítico-interpretativa do *Sermão de Jesus Cristo sobre a Montanha* permite-nos responder à questão colocada no título deste trabalho, a saber, o que quer dizer ser cristão no Haiti. Torna-se perceptível através de nossa reflexão que o cristão, ou seja, o bom cristão no Haiti é aquele que deixa sua leitura, sua interpretação, sua compreensão do texto bíblico e do mundo ser dirigidas pelos políticos-religiosos. Resulta daí que o cristão fiel deve ser despossuído de todo espírito analítico-crítico da situação em que vive. Será que todos os cristãos interpretam esse sermão da mesma forma? Sem dúvida alguma, toda interpretação desse sermão vai se basear em um procedimento socioeconômico e intelectual. No entanto, parece que a leitura mais fácil desse *Sermão* é aquela feita por líderes religiosos, recomendando aos fiéis a miséria, a pobreza. Para eles esse *Sermão* nada mais é do que uma apologia da pobreza. Somente uma leitura contextualizada pode desconstruir a leitura desses líderes. Todavia, necessita-se apenas omitir algumas palavras, descontextualizar, para chegar à conclusão de que o verdadeiro sentido desse discurso é destinado àqueles que vivem em dificuldade sócioeconômica.

BIBLIOGRAFIA

- BELLEGARDE, Dantès. *La Resistance Haitienne: l'occupation Américaine d'Haiti*. Port-auPrince: Farin, 2012.
- CORETH, Emerich. (1973). *Questões fundamentais de hermenêutica*. Trad. Carlos Lopes de Matos. São Paulo: EDUSP, Ed. Universidade de São Paulo.

- ECO, Umberto. (2005) *Interpretação e superinterpretação*. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- MICIAL, M. Nérestant. (1994). *Religion et Politique en Haiti (1804-1990)*. Paris: Édition Karthala.
- NASCIMENTO, Evando. (2008). Texto, textualidade, contexto. In: Signorini, I. (org.) *Re-discutir texto, gênero e discurso*. pp. 109-131. São Paulo: Parábola Editorial.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Acerca da verdade e da mentira: o Anticristo*. São Paulo, SP: Rideel, 2005.
- NOVO TESTAMENTO. (2008). Versão. *Restauração*. Trad. Living Stream Ministry.
- PRICE-MARS, Jean. (1928). *Ainsi Parla l'Oncle: Essais d'Ethnographie*, Parapsycology foundation, Inc. New-york.
- SEGUY, Franck. (2014). *A catástrofe de Janeiro de 2010, a “internacionalização comunitária” e recolonização do Haiti*. 2014, 399f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto da Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.